



Artigos Originais

Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas

Intersections between aging and sexuality of older women

Juliana Fernandes-Eloí¹
 Anne Joyce Lima Dantas²
 Aline Maria Barbosa Domicio Souza¹
 Elder Cerqueira-Santos³
 Luciana Maria Maia¹

¹ Universidade de Fortaleza-Unifor

² Centro Universitário Estácio do Ceará

³ Universidade Federal de Sergipe

Resumo: A manutenção de estereótipos negativos e a normalização da identidade do idoso categorizam significações ao envelhecimento. As limitações, perdas e inatividade sexual perpassam a concepção social do que é tornar-se velho, não considerando as diversas trajetórias envolvidas ao envelhecimento, seus diferentes contextos e indivíduos. Esse fenômeno, por sua vez, resulta na negação da intersecção velhice e sexualidade. Objetivamos, neste estudo, compreender as vivências das sexualidades de mulheres na velhice, visando à urgência na discussão acerca do envelhecimento. Faz-se necessário que esta temática tome proporções ainda maiores, para que se promovam debates acerca da visibilidade não só das sexualidades na vida dos idosos, mas dos significados que envolvem a velhice, suas trajetórias e vivências. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os dados das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo sugerida por Laurence Bardin. Realizou-se um levantamento de categorias temáticas como: a) trajetórias de vidas; b) envelhecimento, sexualidade e geração; c) família, envelhecimento e sexualidade e d) relacionamentos atuais. Consideramos que as participantes demonstraram a existência de novas experimentações que possibilitam a reinvenção de uma velhice que se desdobra em meio aos preconceitos geracionais, corporais e sexuais. Faz-se imprescindível a discussão acerca das políticas de inclusão das mulheres idosas, para que se reconheça a necessária visibilidade que as sexualidades e os múltiplos modos de expressar-se subjetivamente possuem na velhice.

Palavras-chave: envelhecimento; sexualidade; mulheres.

Abstract: The maintenance of the negative stereotypes and the normalization of the identity of the elderly categorize meanings to aging. The limitations, losses and sexual inactivity pervades the social conception of what is to become old, without considering the several trajectories involved during aging, its contexts and the individuals. This phenomenon results in the denial between aging and sexuality intersection. This study aimed to understand the experiences of women's sexuality during the old age, seeking the urgency in the discussion about aging. It is necessary that this issue take even greater proportions, in order to promote discussions about the visibility not only of sexualities in the lives of the elderly, but the meanings that old age surrounds, their trajectories and experiences. This is a qualitative study of exploratory nature, using as a data collection tool a semi-structured interview. Data from the interviews were analyzed using content analysis suggested by Laurence Bardin, we conducted a survey of thematic categories: a) life trajectories; b) aging, sexuality and generation; c) Family, aging and sexuality d) Current relationships. We believe that the participants enlightened the existence of new trials that allow the reinvention of an old age that unfolds among the generational, physical and sexual prejudices. Discussions about the inclusion of older women policies are indispensable, in order to recognize the necessary visibility that sexuality and the multiple ways that there are to express it subjectively during old age.

Keywords: aging; sexuality; women.

1. Introdução

Segundo a Organização Mundial de Saúde¹, a população idosa vem aumentando significativamente, sendo que “mais de uma em cada cinco pessoas tem mais de 60 anos”. Em 2016, contamos com um número aproximado de 24.933.461 pessoas com idade maior que 60 anos e está previsto que este número cresça quatro vezes mais em 2060, para 73.551.010². Este crescimento exige que seja possível um maior aprofundamento nas discussões acerca da velhice na atualidade, visto que a taxa de natalidade diminui a cada ano e o envelhecimento ocupa novos espaços e significados na sociedade.

A dinâmica que envolve a vida dos idosos nos dias atuais está perpassada por uma realidade jamais vivida no que diz respeito à velhice nos séculos passados. A emergência de um corpo jovem, as exposições midiáticas que promovem o culto ao corpo e o livre exercício da sexualidade possibilitam enxergar novos significados do que é tornar-se idoso na contemporaneidade. O envelhecimento tem passado das esferas privadas, previdenciárias e filantrópicas para uma questão pública. Socialmente, novos espaços têm sido configurados para a experiência da velhice³.

Os processos que abrangem o envelhecimento atualmente estão mais comprometidos em promover maiores discussões e visibilidades acerca da qualidade de vida na velhice e a inserção de idosos nos ambientes acadêmicos e profissionais. O aumento na expectativa de vida e a possibilidade de desfrutar uma aposentadoria de maior período proporciona ao idoso enxergar o envelhecimento como um momento também de novas experimentações^{4,10}.

A existência de uma indústria comercial voltada para os idosos coloca em questão uma velhice que se mostra de maneira singular e nunca antes experienciada. Não objetiva-se tão somente a venda de produtos intencionados aos cuidados com a saúde dos idosos. Os tratamentos estéticos, reposições hormonais e impotência sexual evidenciam as novas possibilidades de experimentações com relação à vida sexual na velhice.

Em contrapartida, envelhecer, na maioria das vezes, relaciona-se diretamente ao isolamento social, desgaste físico e mental, luto e assexualidade. Desconsideram-se, então, os desejos que envolvem a intersecção sexualidade e velhice. Impõe-se a ideia de que, durante o envelhecimento, o desejo sexual diminui e os modos de vivenciar a sexualidade mostram-se limitados, gerando o tabu da existência da sexualidade no idoso. Esta realidade corrobora com o estranhamento dos próprios idosos ao vivenciarem a sua sexualidade.

A figura estereotipada da velhice estabelece posturas e condutas a serem seguidas pelos idosos. Existe um conjunto de práticas sociais que promovem a renovação do corpo envelhecido, da identidade e autoimagens, no intuito de encobrir problemas próprios da velhice ou até mesmo de sua existência³, não sendo diferente com relação à presença de sexualidades na vida dos idosos. Historicamente, a sexualidade durante o envelhecimento foi negada a partir de normas socioculturais, que impõe ao idoso um perfil de assexualidade e vulnerabilidade, dificultando a experiência sexual na velhice^{5,6}.

A manutenção de estereótipos negativos sobre o envelhecimento se desenvolve a partir da falta de conhecimento e sensibilidade social em entender os significados da velhice na contemporaneidade⁴. Estabelece-se uma normatização da identidade do idoso, visando categorizar significados ao envelhecimento. As limitações, perdas e inatividade sexual perpassam a concepção social do que é tornar-se velho, não considerando as diversas trajetórias envolvidas no envelhecimento, seus diferentes contextos e indivíduos.

Tal posicionamento faz com que a velhice atualmente esteja inserida em um processo de vulnerabilidade frente às doenças sexualmente transmissíveis e invisibilidade das expressões de suas sexualidades⁷. Este fenômeno, por sua vez, resulta na negação da intersecção velhice e sexualidade. A ausência da sexualidade durante o envelhecimento se mostra como um mito normatizador, que dificulta a existência de sexualidades na velhice^{8,9}.

Deste modo, objetiva-se, neste estudo, compreender as vivências das sexualidades de mulheres idosas. É primordial que a discussão acerca do envelhecimento tome proporções ainda

maiores, para que se tornem acessíveis e possíveis discussões que promovam a melhoria e visibilidade não só das sexualidades na vida dos idosos, mas dos significados que envolvem a velhice, suas trajetórias e vivências.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, visto que a pesquisa qualitativa nos proporciona compreender os significados relacionados às experiências subjetivas das participantes acerca do fenômeno da "sexualidade de mulheres na velhice"^{10,12}. Deste modo, foi realizada uma pesquisa de campo que possibilitou maior interação entre as pesquisadoras e interlocutoras da pesquisa. A partir do contato direto com os fatos reproduzidos durante a interação "pesquisador x pesquisado", desenvolveu-se um paralelo da realidade com as pressuposições teóricas da pesquisa¹³.

A coleta de dados em campo foi realizada nos dias 1º de maio de 2015 (duas entrevistas) e 21 de maio de 2015 (uma entrevista). Por ser um estudo de caráter exploratório, foi possível ter uma visão aproximada sobre como se configuram as intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas, levando em consideração os dados apresentados pelas participantes¹⁴.

Foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, que, segundo Minayo¹³, propicia maior alcance de informações por meio da fala do entrevistado, revelando sistemas de valores, símbolos e representações de determinado grupo. A entrevista semiestruturada utilizada neste estudo continha duas seções, sendo que a primeira seção apresentava nove questões sociodemográficas: nome, idade, estado civil, naturalidade, escolaridade, número de filhos, onde reside, com quem mora e contato. A segunda seção propôs quatro questões acerca do tema específico da pesquisa: "Significado da sexualidade"; "Percepção da sexualidade ao longo da vida"; "Posicionamento da família frente à sexualidade das idosas" e "Atual vivência social".

As entrevistas foram gravadas com autorização formal das participantes no momento em que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo em média de 30 a 45 minutos de duração. Posteriormente, realizaram-se transcrições literais das entrevistas e releituras, para dar início às análises dos dados coletados.

Assim, os dados das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo sugerida por Laurence Bardin. Este tipo de análise dá suporte na exploração dos dados, configurando-se como um método empírico e dependente da fala/discurso. Pode-se dizer que a análise de conteúdo é um conjunto de análises de comunicação. De forma que, a partir da utilização de um instrumento metodológico com perguntas abertas, a análise de conteúdo nos proporcionou avaliar por categorias o conteúdo dos questionários¹⁵.

A análise dos dados desta pesquisa foi realizada através do levantamento de categorias temáticas, configurando-se como "rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos"¹⁵. As categorias temáticas levantadas neste estudo a partir do agrupamento dos elementos que apresentavam similaridade foram as seguintes: a) Trajetórias de vidas; b) Envelhecimento, sexualidade e geração; c) Família, envelhecimento e sexualidade e d) Relacionamentos atuais. Deste modo, a passagem dos dados "brutos" das entrevistas para os dados organizados em categorias temáticas não induz desvios no material pesquisado, pois torna possível identificar índices que estavam invisíveis em meio aos dados "brutos"¹⁵.

2.1 Descrição das entrevistas

As três mulheres entrevistadas têm nível superior, sendo uma formada em Medicina, atuando atualmente em sua área de formação. Já as outras duas têm formação em Pedagogia, não atuantes, de modo que uma acumula renda a partir de aluguéis de quartos em sua própria casa e a outra depende da ajuda de familiares para se manter, pois, até o momento da realização de sua entrevista (1º de maio de 2015), não havia conseguido aprovação da sua aposentadoria.

Todas são brancas, com idades referentes a 61 (sessenta e um) anos, 66 (sessenta e seis) anos e 76 (setenta e seis) anos.

Duas se consideram heterossexuais e outra é lésbica. Uma reside na zona norte da cidade de Fortaleza e duas na zona sul. As três mulheres são proprietárias dos imóveis que residem. Nenhuma mora com filhos, sendo que uma vive sozinha, outra com os hóspedes, aos quais aluga os quartos de sua casa — porém a mesma não tem nenhum vínculo afetivo com nenhum destes hóspedes e não mantém diálogo diário com os mesmos, — outra delas vive com a companheira.

Todas estavam em relacionamentos afetivo-sexuais, sendo que apenas uma não tem parceiro fixo. Uma estava há cinco meses namorando e outra havia cinco anos com parceira fixa. Duas eram separadas havia mais de quinze anos e outra nunca se casou, embora tenha relatado durante as entrevistas que pretendia se casar com sua companheira em breve. Uma tem filhos, netos e bisnetos; outra tem filhos e netos; e outra não tem filhos, mas viveu um relacionamento de 21 anos com uma mulher, de modo que ajudou a criar os dois filhos da sua ex-companheira, um com três anos de idade e o outro viu nascer.

As três mulheres relataram experiências de descobertas e experimentações sexuais no início da adolescência. A única entrevistada lésbica relatou ter tido relações sexuais com homens no início de suas práticas sexuais, ainda na juventude.

A inserção em campo se configurou em ambientes privados (domicílio das entrevistadas), prezando pelo sigilo e conforto das participantes. Durante as entrevistas, não houve interrupção de terceiros em nenhum momento, a não ser por ligações telefônicas. Estas mulheres foram escolhidas de forma aleatória para participação desta pesquisa. Todas as participantes serão tratadas por codificação neste estudo, sendo: P1, 61 anos; P2, 66 anos e P3, 76 anos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Estácio do Ceará (Número do Parecer: 1.003.053). Cada participante foi esclarecida acerca dos objetivos deste estudo, dos seus direitos como participante, da gratuidade da sua participação, do anonimato dos seus dados, bem como com relação ao direito de desistir em qualquer momento da pesquisa. Foram solicitadas as assinaturas das interlocutoras desta pesquisa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), impressos em duas vias para disponibilidade do documento tanto às participantes quanto às pesquisadoras.

3. Discussão dos dados

3.1 Trajetórias de vida

Diante das mudanças de paradigmas e princípios na modernidade, temos um mundo excessivamente inovador e indivíduos que se inscrevem na valorização de corpos jovens, “corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exhibe sua beleza e plenitude”¹⁶. O trânsito histórico entre valorização e desvalorização do novo e do velho influenciaram aspectos sociais e econômicos que, por sua vez, contribuíram para o surgimento de novas verdades e identidades.

Silva¹⁷ dirá que “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. Por consequência, modificamos o contexto e por ele somos influenciados. Assim, diante da imposição de moralidades, ideologias e normas (também estéticas) do corpo, surgem descontentamentos coletivos que entram em conflito com as verdades estabelecidas pelas normas da política do corpo jovem e sexual¹⁸.

Com isso, historicamente a sexualidade de pessoas idosas foi negada, sendo perpassada por normatizações socioculturais que escandalizam a vivência sexual durante a velhice^{5,6,10}. A identidade assexuada pode fazer parte das concepções dos idosos sobre si mesmo, de modo que atribuem para si comportamentos que os fragiliza e adocece. Segundo Levy¹⁹, existem pensamentos e comportamentos que são empregados com relação aos idosos sem que haja de fato um controle consciente da sociedade sobre os significados e comportamentos atribuídos às pessoas idosas. A partir desta operacionalização de comportamentos sociais, o sujeito idoso passa a não perceber os tratamentos discriminatórios aos quais são submetidos, passando a considerá-los normais.

Neste sentido, ao pensar na intersecção entre mulheres e envelhecimento, percebe-se um reforço social que negativa a imagem da mulher durante a velhice, prejudicada por não seguir o

padrão de beleza juvenil e, ao mesmo tempo, é ridicularizada por tentar parecer jovem²⁰. Não só se promove a rejeição ao corpo feminino envelhecido, como também se configuram tradicionalismos culturais que impõem responsabilidades quase que exclusivas às mulheres na velhice.

Mulheres idosas vivenciam responsabilidades familiares importantes independente dos seus estados civis, cuidando dos filhos, netos e, algumas vezes, sendo responsáveis pelos cuidados dos próprios pais²¹. Questões relacionadas aos vínculos conjugais e familiares têm peso nas satisfações sociais nas quais idosas são impostas a prestar socialmente. Este tradicionalismo cultural, bem como os estereótipos vividos durante a velhice, limitam as idosas a vivenciarem suas trajetórias afetivas com fluidez, sendo envolvidas por significativos sentimentos de medo e solidão, como relatados por Diana:

Passei 15 anos sem ter nenhuma vida ativa com ninguém [...] Eu não contava mais com isso na minha vida, depois que eu me separei desse outro. Eu ia continuar só [...] e foi uma casualidade o meu envolvimento com essa pessoa (P1, 61 anos).

O sentimento de medo é vivenciado a partir da possibilidade de se ver sozinha, principalmente diante do papel que é imposto exercer perante a família (orientadora, protetora, matriarca), negando, muitas vezes, à mulher idosa experimentações de novas relações afetivas. O medo da solidão também se atribui às insatisfações frente à realidade corporal que reflete a perda no poder de atração. De maneira que são os termos normativos que fixam aos idosos uma identidade fragilizada, de corpos vulneráveis e em declínio²².

Mulheres idosas atribuem para si a percepção de que a velhice traz consigo a instabilidade das relações de sexualidades com parceiros/as fixos/as ou não. A forte desvantagem do corpo envelhecido na sociedade possibilita a percepção feminina de corpos pouco atrativos, desvalorizados e com baixo potencial de sedução¹⁶. As mudanças que envolvem o envelhecimento corporal de mulheres idosas provocam uma problemática com relação ao medo da rejeição por ser idosa e de que forma esta fase será aceita por parceiros/as sexuais.

A diminuição de sinais de excitação e problemas com lubrificação vaginal podem influenciar negativamente a atividade sexual das mulheres durante a velhice²³, de modo que as relações eróticas com parceiros/as podem frustrar o desempenho sexual dessas mulheres, acarretando sofrimento emocional e sentimento de desvalorização de si, como podemos observar na fala de Laura:

O meu marido me maltratou muito e ele um dia disse que eu era uma mulher frígida e assexuada. Aí eu endoidei! Frígida e assexuada? Então eu não sou de nada mais. Então, isso daí mexeu muito comigo (P3, 76 anos).

Deve-se levar em consideração que as histórias de vida destas mulheres são importantes para entender os modos como estas idosas encaram o processo de envelhecimento também interseccionado às suas sexualidades. Dentre as mulheres entrevistadas nesta pesquisa, todas evidenciaram ter um/a parceiro/a e afirmaram ter vida sexual ativa. As trajetórias vividas por estas mulheres revelam suas preferências sexuais, de maneira que suas vivências têm papel norteador nas suas experiências afetivas atuais. Percebe-se isso no seguinte relato de Marília:

Quando eu estava na minha fase de adolescência, no colégio, eu conheci uma menina cinco anos mais velha do que eu [...]. A gente ficou muito amiga e ficou muito íntima. Foi a primeira mulher que eu me apaixonei na vida [...]. Nunca fui infeliz por ser gay, nunca! (P2, 66 anos).

Marília demonstra, nesta fala, que sua trajetória de vida, principalmente ao assumir sua homossexualidade e as experiências que estão relacionadas à sua sexualidade, dá sentido à sua atual satisfação (demonstrada durante as entrevistas) em ser uma mulher lésbica idosa. Assim, o sentimento de invisibilidade da mulher idosa não é compartilhado por todas, de forma que os padrões estéticos, a atração sexual e o erotismo têm significados distintos em diferentes contextos sociais em que se expressam as sexualidades²⁴.

3.2 Envelhecimento, sexualidade e geração

Diversos são os sentimentos demonstrados nas falas e apontados nesse estudo. Cuidar de um corpo desfigurado pelo processo de adoecimento característico de alguns tipos de câncer é algo bastante complexo, pois envolve uma série de sentimentos e reações também para quem cuida.

Durante muito tempo, a virgindade se apresentava como renúncia feminina ao prazer, de modo que conhecer o próprio corpo, vê-lo despido ou tocá-lo eram atividades vetadas principalmente às mulheres. Era imposta aos corpos a culpa ao carregar desejos e anseios carnaís que desviavam a pureza da virgindade, que só poderia ser quebrada a partir da consumação do casamento²⁵. Assim, falar sobre sexualidade no convívio familiar em que as mulheres participantes desta pesquisa vivenciaram era algo sigiloso e, muitas vezes, indiscutível, o que provocava tensionamentos vividos no processo de “descobertas” sexuais, visto que estes atos estavam diretamente relacionados ao pecado, como exposto por Marília:

Quando eu comecei a sentir atração, alguma coisa ou eu mesma me tocar [...]. Você não podia pensar em sexo, não podia pensar em ter prazer, não podia desejar outra pessoa; nem homem, nem mulher, tudo era pecado (P2, 66 anos).

Vemos que o acompanhamento familiar frente aos questionamentos sexuais das filhas não era suprido com clareza e receptividade. As mães dessas mulheres vinham de uma geração ainda mais reprimida e marcada pela “anijificação” do corpo feminino e obrigação da procriação. Laura relata ter sentido, pela primeira vez, prazer sexual enquanto enxugava-se com uma toalha e, por mais que estivesse confusa com o que sentia, revela a limitação em questionar sua mãe sobre o que havia acontecido, quando diz:

Eu senti um negocio estranho [...]. Eu não ia perguntar à minha mãe. Mãe ia ficar escandalizada, né? [...]. Quando botei a mão, eu senti aquela coisa gostosa. Pensei “Ah, eu vou agora é todo dia fazer esse negócio” (P3, 76 anos).

As gerações às quais pertenciam as mães das interlocutoras desta pesquisa viam na imagem feminina uma figura exclusivamente responsável pelo bem-estar do casamento e pela satisfação do marido, de modo que o papel primordial destas mães era repassar ensinamentos religiosos aos filhos e manter a figura feminina de castidade²⁵. A sexualidade era reprimida e as mulheres eram marcadas pela obediência perante a vontade dos seus maridos²⁶. O masculino e feminino tinham papéis extremamente diferentes na sociedade, sendo esta configuração social inquebrável²⁷. Percebe-se, na fala a seguir de Laura, o lugar privilegiado em que estavam os homens, portadores do conhecimento e do poder:

O meu namorado [...], ele nunca falou *pra* mim nada, mas, quando foi próximo ao casamento, ele comprou um livro *pra* mim [...] com figuras e tudo, *pra* eu descobrir o que era sexo (P3, 76 anos).

Estas idosas vivenciaram a realidade do contato com o sexo apenas após o casamento, revelando, durante as entrevistas, que as mulheres poderiam ser taxadas de promíscuas caso relatassem e/ou questionassem experiências sexuais com outras pessoas. Muitas vezes, o papel do casamento na vida destas mulheres se mostrava como a possibilidade de saciar seus questionamentos e fantasias. Via-se na figura do noivo uma saída para ter acesso ao conhecimento, ao que, de fato, seria sexualidade/sexo.

3.3 Família, envelhecimento e sexualidade

O cuidado excessivo com o idoso e o pensamento de que a pessoa idosa deve permanecer quieta, em um lugar sossegado e confortável às suas limitações podem desenvolver um sentimento de impotência e estresse aos idosos. A família passa a decidir pelas ações destes sujeitos, impondo-os indiretamente um perfil fragilizado e decadente²³. Laura revela seu incômodo frente aos excessivos cuidados dos familiares, principalmente por conciliarem suas limitações visuais a uma obrigatoriedade em fazê-la obedecer aos seus comandos, quando cita:

Quando eu vou *pra* um aniversário, eu sou muito de já chegar com uma boca vermelha (fazendo referência ao batom vermelho), com os dentes *pra* acolá rindo, e aí me botam lá no canto. Dizem: “Anda, vovó, senta aqui nessa cadeira”. Penso: “Ah, o que eu vou ficar fazendo nessa cadeira?” (P3, 76 anos).

O significado de ser velho na contemporaneidade reforça, na maioria das vezes, a imagem de um sujeito passivo. Determinam-se lugares e papéis que devem ser vivenciados durante a velhice na sociedade, de maneira que os idosos rejeitam ou atribuem traços ideológicos da sociedade a que pertence²¹. Porém, arrisca-se o idoso que tenta rejeitar e

reinventar os papéis impostos a ele pela sociedade, correndo o risco de não validar sua sanidade mental frente a um perfil que cronologicamente deve exercer. Ao idoso é reservado o amor familiar, dos filhos e netos, mas se, na velhice, surge o amor erótico/sexual, logo os filhos se horrorizam e o sentenciam²⁸. Permite-se identificar o despreparo dos filhos/familiares frente ao início de uma relação amorosa durante a velhice quando Diana diz:

A minha filha mais velha, ela entrou em pânico [...]. Eu passei quatro anos doente [...]. Eu entrei em depressão. Eu não sei se era por falta de amor, se era falta de companheiro, não sei, sei que era muita coisa misturada (P1, 61 anos).

Ainda que o envelhecimento seja perpassado por estereótipos negativos e concepções errôneas acerca da experiência sexual vivenciada na velhice, novos quadros situacionais envolvem a construção do envelhecer atual. Isto tem relação direta com as novas imagens atribuídas ao idoso no ambiente familiar, passando a considerar as variadas experimentações, sejam sexuais ou não, na vida dos idosos. Pode-se dizer que “essas novas imagens acompanham a construção da categoria “Terceira Idade”, derivada também do modelo de envelhecimento ativo, que busca transformá-lo em uma experiência mais gratificante”³.

Percebe-se um idoso envolvido em atividades compensatórias, ativo em plenitude com o corpo e mente. Organizam-se novos modos de enxergar o processo do envelhecer na contemporaneidade, de maneira que, nos dias atuais, o papel do idoso nas relações familiares tomam proporções maiores de autonomia e responsabilidades. Um exemplo disso é o fato de que, atualmente, ocorrem mudanças numa realidade que era tradicional às mulheres, em que, ao se restringir ao seio familiar, as tornavam economicamente dependentes.

Porém, percebe-se na atualidade, um número significativo de mulheres de meia-idade envolvidas em alguma atividade profissional e/ou são provedoras do lar em que vivem. Assim, “abre-se uma nova realidade, a da existência de diferentes projetos individuais em que muitas vezes são redefinidos os papéis familiares”²⁹. As participantes deste estudo mencionaram que têm participação nas dinâmicas familiares e que possuem respeito e independência no ambiente familiar. Marília e Laura expressam esta realidade quando relatam:

Toda a minha família gosta muito de mim, porque eu sou pau *pra* toda obra (P2, 66 anos).
Olha, eu sou uma pessoa totalmente livre e independente, de tudo. Eu sou independente de tudo! (P3, 76 anos).

Laura deixa claro que é livre e independente, ainda que seja a entrevistada de maior idade e com limitações visuais. Atualmente, aluga quartos para estudantes em sua casa e não mora com nenhum familiar ou cuidador. Desta forma, existem diversas formas de expressar a velhice para aqueles que a vivenciam^{3,23}. Para Fernandes¹⁰ o idoso tem se permitido variadas maneiras de viver a velhice de forma saudável, atuante e independente, experimentando também as inúmeras possibilidades de vivenciar suas sexualidades.

Durante o envelhecimento, as relações sexuais possibilitam confirmar que a sexualidade do idoso existe e tem papel positivo em suas vidas. Laura relata como percebe a sexualidade, atribuindo o ato sexual como fator positivo na vida das pessoas, sejam elas idosas ou não:

Eu acho que convívio e sexo não têm idade. *Pra* mim, não tem idade *pra* sexo, você pode ter noventa anos [...]. Olha, você fazendo sexo, tudo em você rejuvenesce, tudo rejuvenesce! A pele, o cabelo, os olhos, tudo rejuvenesce em você (P3, 76 anos).

O livre exercício da sexualidade na velhice possibilita novas maneiras de vivenciar desejos. O envelhecimento passa a ganhar espaço na sociedade com visível sentimento de libertação de uma velhice estagnada. Mulheres idosas gozam atualmente de um processo de envelhecimento diferente de suas mães e desenvolvem novos significados de ser idosa na contemporaneidade³⁰. Um exemplo são as idosas lésbicas que apresentam relações familiares e sociais diferentes do que era vivenciado por elas durante sua juventude, pois vivenciaram uma época de muita opressão e discriminação. Porém, percebemos na fala de Marília, que ainda há uma imposição em demonstrar discrição nas suas relações afetivas/sexuais em espaços de sociabilidades e familiares, para que não vivencie situações preconceituosas e seja “aceita”:

Nunca tive preconceito na minha família. Nos hospitais onde eu trabalhei, nunca tive preconceito [...]. Sempre fui discreta [...]. Eu não sinto necessidade de mostrar *pras* pessoas o que eu sou ou o que eu não sou (P2, 66 anos).

Deve-se considerar que, atualmente, as relações homoeróticas se presentificam num universo social mais amplo, o qual possibilita a expressão da sexualidade em grupos e ambientes sociais, os quais gerações passadas não puderam vivenciar. A atuação do mercado de consumo

e meios de comunicação legitimam a apresentação pública da homossexualidade, que antes não existia²⁴.

No entanto, a postura discreta de Marília é mantida, pois ela vivenciou em sua geração modos de sujeição em relação à homossexualidade, em que habitar um modo de vida não heterossexual era socialmente intolerável. Existe atualmente uma dificuldade em afirmar uma homossexualidade não normativa, determinando posturas e modos de vida às pessoas homossexuais para que haja aceitação social. Segundo Santos³¹ "a homonormatividade é uma nova máscara da norma que, disfarçada sob um apelo integrador e tolerante, restringe as possibilidades de invenção da sexualidade e dos prazeres".

O mesmo acontece com relação à sexualidade dos idosos, em geral, que conta com uma indústria comercial que tenta (ainda que aos poucos) mostrar a imagem do idoso relacionada às livres experiências e sexualidades, bem como numa indústria farmacêutica que investe em tratamentos de reposição hormonal e impotência sexual, tornando possível novas experimentações com relação à vida sexual na velhice. Em contra partida, os idosos são ridicularizados ao expressarem suas sexualidades e vivenciarem novos modos de vida durante a velhice.

3.4 Relacionamentos atuais

O processo de envelhecer na contemporaneidade possibilita à figura feminina autonomia e reinvenção nas faces de vivenciar as suas sexualidades, abandonando o mito da assexualidade na velhice. Percebe-se a liberdade de experimentação do corpo²⁷. As interlocutoras desta pesquisa demonstraram vivenciar suas sexualidades de formas singulares, levando também em consideração suas satisfações sexuais frente ao modelo de vida dos/as parceiros/as.

O meu penúltimo companheiro na época, ele tinha 46 anos. Ele não era mais um homem sexualmente ativo, entendeu? [...] Aí vem um de 80, nem bebe, nem fuma [...] e dá o resultado melhor. A diferença não é nem a idade [...], é a alimentação, é como a pessoa vive (P1, 61 anos).

Demonstra-se aqui que o idoso está também envolvido em novas formas de qualidade de vida, posicionando-se frente aos seus desempenhos sexuais de acordo com os cuidados com a saúde. Configuram-se, também, variadas formas de relacionamentos afetivos-sexuais entre os idosos, de maneira que não há obrigatoriedade em manter parceiros fixos, pois se enfrentam questões de insatisfação sexual ou decepções amorosas que são tão comuns na juventude quanto na velhice. Laura revela estar desiludida devido a uma decepção amorosa com seu último namorado, relatando:

Eu, até ano passado, tinha um companheiro. Até ano passado! Eu não quis mais porque eu tive uma decepção muito grande [...], mas que era bom era! Eu ainda não consegui esquecê-lo (P3, 76 anos).

O envelhecimento compõe novas maneiras de se colocar na sociedade, promovendo novas experimentações, ressignificando o sentido da velhice e expressões da sexualidade²⁵. Ao se surpreender com o novo relacionamento, Diana não expressou tão somente a surpresa por estar se relacionando com o viúvo da tia, mas ficou surpreendida por, depois de velha, estar namorando:

No começo, foi só o susto, de ser a pessoa. Ele era esposo de uma tia nossa, entendeu? Ele hoje tá com 80 anos. Estou com ele! Mas foi uma coisa que aconteceu que eu não esperava (P1, 61 anos).

As errôneas noções sociais referentes ao ser velho denigrem a identidade e maneiras de vivenciar a velhice. O casamento, por exemplo, é atribuído à realização de uma cerimônia de dois corpos jovens, cheios de possibilidades futuras e ainda prevalece aqui a arcaica concepção de procriação, de maneira que visões rasas desta forma promovem olhares preconceituosos frente ao casamento de sujeitos idosos. Uma de nossas entrevistadas anunciou, durante a entrevista, que estava se preparando para casar, dizendo:

A primeira que eu vou casar no papel vai ser essa aí. Eu já tô há cinco anos com ela [...]. Ela é 27 anos mais nova do que eu (P2, 66 anos).

Marília é uma idosa lésbica e anuncia com entusiasmo que irá se casar, possibilitando-nos compreender que, em sua fala, está contribuindo, tanto quanto as outras participantes desta pesquisa, em se enxergar as novas configurações que possibilitam a reinvenção de uma velhice que se desdobra em meio aos preconceitos geracionais, corporais e sexuais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interlocutoras deste estudo mostraram que mesmo diante de um contexto ocidental que cultua a juventude, impõe padrões estéticos hegemônicos e estabelece papéis passivos na identidade do idoso, foi possível em suas diferentes trajetórias de vida (re)criar significados sobre o processo de envelhecimento²¹. Contudo, relataram a vivência do preconceito de idade e da expressão da sexualidade, como espaços que ancoram a negação da sexualidade na velhice.

As mulheres relataram entre outros elementos, gozar de uma vida sexualmente ativa, seja com, ou sem parceiros/as fixos/as em relações heterossexuais ou homossexuais. Fenômeno que por sua vez, coloca em questão o mito normatizador da ausência da sexualidade na velhice^{8,9,11}, ao mesmo tempo em que visibiliza a emergência de discussões que reconhecem a multiplicidade das expressões subjetivas e comportamentais na velhice atreladas a sexualidade.

Diante dos cenários apresentados neste estudo, podemos considerar que não foi transmitido pelas participantes a imagem de corpos assexuados, fracos e envelhecidos. Mas sim, dinâmicas de vida sexual envolvidas por trajetórias e relações socioafetivas. Ou seja, reconhecemos que a sexualidade na velhice não se limita a traço de personalidade ou performance de gênero ancorados em comportamentos normatizados. A relação entre sexualidade e envelhecimento na verdade, ultrapassa a compulsória expectativa cultural e é vivida de modo atemporal, na relação entre corpo, cultura, identidade e subjetividade¹¹.

No entanto, verifica-se, que as normas sociais ainda estigmatizam a velhice e a sexualidade promovendo a ausência de informação frente às próprias experiências da vida. Contexto este, que inclui as próprias mulheres idosas como vítimas das normas culturais e sociais que restringem as experimentações da sexualidade. Portanto, consideramos imprescindível que pesquisadores e profissionais da saúde, educação e ciências sociais atuem de forma direcionada e dediquem específica atenção à pessoa idosa, bem como ampliem as discussões acerca das políticas de inclusão de pessoas que vivenciam as sexualidades na velhice. Deste modo, faz-se necessária a visibilidade da importância da sexualidade e os múltiplos modos de expressão que possui durante o prolongamento da vida.

6. Referências Bibliográficas

1. Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. <http://sbogg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 24.12.2015.
2. Instituto Brasileiro em Geografia e Estatística. Projeção da população por sexo e idades. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm. Acesso em 06.03.2016.
3. Debert GG. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp; 2012.
4. Neri AL. Qualidade de vida e idade madura. 7ª ed. Campinas: Papirus Editora; 1993.
5. Cezar AK, Aires M, Paz AA. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis na visão de idosos de uma Estratégia da Saúde da Família. *Rev bras Enferm* 2012; 65(5): 745-750.
6. Fernandes MGM, Garcia LG. O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saude soc* 2010; 19(4): 771-783.
7. Saldanha AAW, Araujo LF, Sousa VC. Envelhecer com Aids: representações, crenças e atitudes de idosos soropositivos para o HIV. *Interam j psychol* 2009; 43(2): 323-332.
8. Araujo VLB, et al. Características da Aids na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil. *Rev bras epidemiol* 2007; 10(4): 544-554

9. Moraes KM, et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. *Rev bras geriatr gerontol* 2011; 14(4): 787-798
10. Creswell JW. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed; 2010.
11. Fernandes J, Pocahy AF, Assis A, Barroso K. Gênero, Sexualidade e Envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. *Rev Clinica e cultura* 2015; (4): 14-28.
12. Flick U. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3ª ed. Trad. Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed; 2009.
13. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.
14. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas; 2008.
15. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Persona/Edições 70; 1977.
16. Goldemberg M. Como estarão a sexualidade e o corpo no futuro? In: Goldemberg M (org.) *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record; 2009. p. 45-57.
17. Silva TT, et al. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
18. Meyer DE, Paraíso MA (orgs.). Abordagens Pós-Estruturalistas de Pesquisa na Interface Educação, Saúde e Gênero: perspectiva metodológica. In: Meyer DE, Paraíso MA (orgs.). *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições; 2012.
19. Levy BR. Eradication of ageism requires addressing the enemy within. *The Gerontologist* 2001; 41(5): 578-579.
20. Neri AL. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos de jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: Simson ORMV (org.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. 2ª ed. Campinas: Alínea; 2006.
21. Mascaro SA. O que é velhice? São Paulo: Brasiliense; 1997.
22. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 9ª ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2015.
23. Papalia DE, Olds SW. Desenvolvimento humano. 12ª ed. Trad. Cristina Monteiro, Mauro de Campos Silva. Porto Alegre: Artmed; 2013.
24. Alves AM. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horiz antropol* 2010; 16(34): 213-233.
25. Figueiredo LB. (Dissertação). Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres maduras. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011.
26. Fernandes MGM. Envelhecer na condição de mulher: algumas reflexões sobre corpo e sexualidade. *Revista Ártemis* 2009; 10: 164-170.
27. Negreiros TCGM. Sexualidade e gênero no envelhecimento. *Revista ALCEU* 2004; 5(9): 77-86.
28. Beauvoir S. A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
29. Lopes A. Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In: Simson ORMV (org.) *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. 2ª ed. Campinas: Alínea; 2006.
30. Debert GG, Brigeiro M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Rev. bras Ci Soc* 2012; 27(80): 37-54
31. Santos DK, Lago MCS. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sex Salud Soc* 2013; 15: 113-147.

Artigo Recebido: 08.07.2016

Aprovado para publicação: 18.10.2016

Juliana Fernandes-Eloi

Universidade de Fortaleza-Unifor

Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz

CEP: 60811-905 Fortaleza, CE – Brasil

Email: julianaf.jf@gmail.com
